



CONCORDÂNCIA VERBAL DE P6 NO PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO DAS RÃS NO TERRITÓRIO VELHO CHICO

Juscimaura Lima Cangirana (UESB)¹
maura477@hotmail.com

Elisângela Gonçalves da Silva (UESB)²
elisangela.silva@uesb.edu.com.br

RESUMO: Neste artigo, analisa-se a concordância verbal de P6 no vernáculo, em termos laboviano, na comunidade quilombola Rio das Rãs no Território Velho Chico, localizada no município de Bom Jesus da Lapa – BA. Para tanto, foram adotados os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972-2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006). A amostra analisada é constituída por 24 informantes, considerando perfis sociais como: (a) *Sexo* (12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino); (b) *Faixa etária* (08 jovens –25 a 35 anos; 08 adultos – 45 a 55 anos; 08 idosos – com mais de 65 anos); (c) *Grau de escolaridade* (sem escolarização e semiescolarizados); (d) *Exposição à mídia*; e (e) *Redes de relações sociais*. Esses inquéritos, resultantes de coleta de fala espontânea, foram transcritos e submetidos ao Programa Estatístico *GoldVarb X*. Tomando esse *corpus* como base, foram considerados alguns grupos de variáveis linguísticas e extralinguísticas, na tentativa de explicar quais fatores estariam motivando a marcação da concordância verbal de P6. Os grupos de fatores controlados pelo Programa *Goldvarb X* como de maior relevância para a ocorrência de concordância verbal de P6 foram: *realização e posição do sujeito, concordância nominal no sujeito, faixa etária e sexo*.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade Rio das Rãs; Concordância verbal; Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT: In this article, we analyze the Verbal concordance of P6 in the vernacular, in Labovian terms, in the quilombola community Rio das Rãs in Velho Chico Territory, located in the municipality of Bom Jesus da Lapa - BA. For that, the theoretical-methodological assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, 1972-2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006) were adopted. The sample analyzed consisted of 24 informants, considering social profiles such as: (a) Sex (12 males and 12 females); (b) Age group (08 young people - 25 to 35 years old, 08 adults - 45 to 55 years old, 08 elderly people - over 65 years old); (c) Degree of schooling (without schooling and semi-schooled); (d) Media exposure; and (e) Networks of social relations. These surveys, resulting from the collection of spontaneous speech, were transcribed and submitted to the GoldVarb X Statistical Program. Taking this corpus as a basis, some groups of linguistic and extralinguistic variables were considered in an attempt to explain which factors were motivating the marking of verbal agreement of P6. The groups of factors controlled by the Goldvarb X Program as being of greater relevance for the occurrence of verbal agreement of P6 were: achievement and position of the subject, the nominal agreement in the subject, age group and sex.

KEYWORDS: Rio das Rãs Community; Verbal Concordance; Sociolinguistic Variationist.

¹ Mestra em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – maura477@hotmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade de Campinas – elisangela.silva@uesb.edu.com.br



Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar a concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala vernácula da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs, localizada no município de Bom Jesus da Lapa, Bahia. A marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural ou P6 no desempenho linguístico desses falantes constitui regra variável, bastante recorrente no português popular brasileiro, como alguns estudos sociolinguísticos têm apresentado, a exemplo de Almeida (2006); Araújo (2014); Lemle e Naro (1977); Naro (1981); Scherre (1988); Naro e Scherre (1999) e Silva (2003, 2005); Brandão (2018); Petter (2015) entre outros.

O quilombo Rio das Rãs enquadra-se perfeitamente no perfil da pesquisa Sociolinguística, pois é uma comunidade rural, negra e quilombola que pode oferecer importantes indícios sobre a relevância dos processos de contato entre línguas na formação do português do Brasil.

Para a análise dos dados, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística ou Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1972-2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006; TARALLO, 2007), que dá conta das relações entre língua e sociedade e busca sistematizar a língua em uma comunidade de fala heterogênea, bem como os estudos realizados por Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) sobre a constituição do português afro-brasileiro em comunidades afro-brasileiras do interior da Bahia.

Assim, a presente pesquisa traça um perfil do português afro-brasileiro, no que diz respeito à concordância verbal de P6 na comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs, na tentativa de explicar a seguinte questão: (i) Quais fatores linguísticos e extralinguísticos estariam motivando a aplicação da concordância verbal (CV) em P6 na fala vernácula da comunidade quilombola Rio das Rãs?

Dessa forma, ao utilizar como suporte a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, empreendeu-se um estudo a partir da hipótese de que a marcação da regra



de concordância entre verbo e sujeito no português afro-brasileiro, registrado nessa comunidade, constitui regra variável, podendo evidenciar um processo de mudança linguística, pela influência tanto de fatores internos quanto de fatores externos, sobretudo considerando as variáveis linguísticas: *realização e posição do sujeito, concordância nominal no sujeito*, e os fatores extralinguísticos: *faixa etária e sexo*, apresentadas neste estudo.

Esperamos que este trabalho contribua para a construção de um panorama do falar do oeste baiano, que, por sua vez, colabora também para a compreensão do português brasileiro.

1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Teoria da Variação e da Mudança, que teve seu início na década de 1960, com os estudos desenvolvidos pelo norte-americano William Labov, tem por foco a relação entre língua e sociedade, baseando-se em um modelo de análise que condicione a sistematização da variação existente na língua. Esse modelo compreende a diversidade linguística como objeto apto de investigações, defendendo a ideia de que a variação não é aleatória e sim condicionada por fatores externos e internos à língua.

Desse modo, ao analisar um dado fenômeno linguístico, os sociolinguistas destacam a heterogeneidade linguística: Weinreich, Labov e Herzog (1968-2006) verificaram que a língua não é homogênea, e sim heterogênea, uma vez que a mesma se encontra em processo de evolução em uma determinada comunidade de fala. Assim sendo, é necessário que o sociolinguista estude a relação entre língua, em seu uso real, e sociedade para compreender a ligação que há entre as duas, bem como as variações existentes na comunidade de fala pesquisada.

Para compreender a *variação* e a *mudança*, é necessário, inicialmente, compreender em que consistem *variação linguística, variante* e *variável*. A *variação linguística* pode ser vista como o uso alternativo de uma ou outra forma para referir um mesmo conteúdo. Para Labov (1972-2008), variantes são duas ou mais formas de dizer



a mesma coisa no mesmo contexto. Nesses termos, o pesquisador afirma que “[...] as *variantes* são idênticas em seu valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística”. O termo *variável*, por sua vez, pode denominar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que motivam a realização das *variantes* (MOLLICA; BRAGA, 2004).

Nesse contexto, para compreender que as mudanças acontecem de maneira gradual, é relevante considerar o *tempo real* e o *tempo aparente*. No âmbito da Sociolinguística, o estudo em *tempo real* analisa determinado fenômeno linguístico e considera diferentes períodos de tempo, cujo objetivo é compreender a estabilidade, e/ou mudança. A análise da mudança em *tempo aparente* é um recurso que o pesquisador utiliza para analisar um determinado fenômeno linguístico na fala dos mais jovens comparando-o com a fala dos mais velhos. Nesse caso, o estudo em tempo aparente é de natureza sincrônica e os falantes são classificados em grupos etários. Convém, contudo, deixar claro que nem toda variação na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve, obrigatoriamente, variabilidade (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006-1968).

Em suma, acreditamos que todos estes conceitos teóricos fornecidos pela Sociolinguística Variacionista sejam fundamentais para uma pesquisa que adere como objeto de estudo um fenômeno de variação observado a partir do uso linguístico em seu contexto social.

2 O português afro-brasileiro

O português brasileiro apresenta uma série de mudanças resultantes de um passado assinalada pelo contato linguístico entre índios, negros e portugueses e tem sido objeto de estudo em diversas pesquisas realizadas no Brasil. Segundo Oliveira (2011, p.31,) “as relações de contato entre povos que divergiam linguística e socialmente no período colonial nos leva a afirmar que a representação do português brasileiro tem sua origem no percurso de sua formação”.



Observa-se que contato entre línguas africanas, indígenas e europeias, ocorrido durante o período de colonização do Brasil contribuiu para a formação do português brasileiro. Nesse caso, Lucchesi (1999, 2001, 2003, 2009) afirma que “através do contato linguístico houve a formação de crioulos típicos em terras brasileiras”. Assim, desde o Brasil Colônia, tornou possível a formação de uma variedade de língua fortemente transformada pelo contato entre línguas. Podemos analisar que com o passar dos séculos e com a chegada de diversos povos em território brasileiro, o português falado no país recebeu influências de várias línguas, que podem ter deixado marcas linguísticas nos aspectos semânticos, fonéticos e sintáticos da língua portuguesa. Assim, essa junção contribuiu para a disseminação do português popular em terras brasileiras.

A constituição do português afro-brasileiro, provavelmente, ocorreu a partir do momento em que os negros chegaram aos quilombos e encontraram os índios, que, assim como eles, fugiam dos maus tratos dos fazendeiros (portugueses). Devido a esse contato, houve uma “aquisição precária” (nos termos de Lucchesi, 2009) de falar o português, trazendo, dessa forma, mudança à estrutura linguística do português brasileiro. Sendo assim, o africano exerceu uma função relevante no processo de formação de nossa realidade linguística atual do que o indígena (LUCCHESI, 2009).

O contexto social das comunidades remanescentes contribuiu para um processo de variação no português brasileiro, que, por sua vez, é condicionado por grupo de fatores extralinguísticos sobre o linguístico, fazendo com que se descortine na constituição do português brasileiro não apenas o seu caráter heterogêneo e variável, mas também polarizado. Tal confirmação apresenta-se como uma importante evidência empírica a favor do contato de línguas indígenas e africanas na formação do português afro-brasileiro.

Do ponto de vista sociolinguístico, as comunidades rurais afro-brasileiras representaram até a primeira metade do século XX um riquíssimo espaço para compreensão da formação do português brasileiro, uma vez que, a formação das comunidades afro-brasileira se deu através de antigos quilombos, ou das antigas propriedades rurais após a abolição da escravatura. Nesse âmbito, observamos que essas



comunidades guardam marcas linguísticas dos seus antepassados que se refletem nos padrões de variação e mudança linguística que se observam hoje, como se ver neste trabalho, nas comunidades afro-brasileiras. Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) afirmam que

No panorama sociolinguístico do Brasil, as comunidades rurais afro-brasileiras isoladas ocupam uma posição própria, em virtude de certas especificidades que as caracterizam, do ponto de vista histórico, étnico e socioeconômico. Em sua maioria, essas comunidades se originaram em antigos quilombos ou em populações de escravos que receberam doações de terra, com o fim dos empreendimentos agroexportadores escravagistas. Desse modo, tais comunidades se definem pelos seguintes parâmetros: (i) são compostas majoritariamente por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do interior do país e de difícil acesso; (ii) mantiveram-se em relativo isolamento até a segunda metade do século XX; (iii) sua principal atividade econômica é a agricultura de subsistência (LUCCHESI, BAXTER E RIBEIRO, p. 75, 2009).

Nesses termos, as comunidades afro-brasileiras eram isoladas até a primeira metade do século XX, e devido ao isolamento geográfico, seus moradores preservaram em sua fala marcas linguísticas dos seus antepassados, especialmente, os moradores mais velhos, que nasceram, cresceram e residem nos quilombos são falantes que usam marcas linguísticas do português afro-brasileiro, enquanto os mais jovens estão trazendo traços linguísticos inovadores (variante padrão) para sua fala, devido as redes de relações sociais e a exposição as mídias. Concluímos que, o português afro-brasileiro está presente nas comunidades remanescentes de quilombos, principalmente as mais isoladas e formadas por afrodescendentes.

3 A concordância verbal de P6 no português brasileiro

Dentre os estudos já realizados sobre a concordância verbal no português brasileiro, podemos apontar o trabalho precursor de Lemle e Naro (1977), para o dialeto carioca, os trabalhos desenvolvidos por Silva (2003), em comunidades afro-brasileiras do interior da Bahia.

Esses estudos variacionistas sobre a concordância verbal de P6 demonstram que esse fenômeno é variável e essa variação está condicionada pela influência de fatores internos (linguísticos), como a fatores externos (extralinguísticos). Sendo assim, a concordância verbal é um fenômeno linguístico que não pode ser analisado apenas em termos de suas relações internas na gramática, mas deve ser levado em conta o contexto sociocultural. Dessa forma, a concordância verbal no Português Brasileiro constitui uma regra variável que determina à presença ou a ausência de concordância entre o verbo e o sujeito, conforme mostram os exemplos abaixo:

1. (a) Eles *vivem* em São Paulo.
- (b) Eles *vive* aqui.

Identificamos no exemplo 1. (a) a presença de uma variante com marcação de plural entre o sujeito e o verbo, e no exemplo 1. (b) ausência de marcação de plural entre o sujeito e o verbo. Assim, a aplicação ou não das regras pode ser motivada tanto fatores de caráter social e/ou linguístico.

Nesta revisão teórica sobre a concordância verbal de P6, apresentaremos os resultados de algumas pesquisas sobre esse fenômeno linguístico, a fim de poder traçar o panorama geral desse objeto em estudo. Neste trabalho partimos do estudo de Lemle e Naro (1977) acerca da concordância verbal de 3ª pessoa do plural para compreender a marcação da concordância na comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs. Nesse estudo, os autores, em *Competências básicas do português*, analisaram a fala de 20 mobralenses (Movimento Brasileiro de Alfabetização), entre os quais, 9 eram mulheres e 11, homens, na faixa etária de 17 aos 50 anos (6 informantes com mais de 40 anos e 14 com menos de 30).

Entre as variáveis controladas por Lemle e Naro (1977), destaca-se os fatores linguísticos: *saliência fônica e realização e posição do sujeito*; entre os fatores extralinguísticos de maior relevância estão *faixa etária e sexo*. Quanto aos resultados da variável *saliência fônica*, que se refere ao tipo de diferença fônica entre as formas do singular e do plural, os pesquisadores salientam que a falta de concordância ocorre mais frequentemente nos casos em que a diferença material entre o singular e o plural é



menos saliente. Nessa variável, as formas menos salientes (*come/comem; ganha/ganham*), trazem peso relativo 0.11, e as formas mais salientes (*disse/disseram; fez/fizeram; é/são*), com peso relativo 0.85.

Ao analisarem a variável *realização e posição do sujeito*, os pesquisadores constataram que *o sujeito anteposto ao verbo* traz peso relativo 0.71, favorecendo assim a marca de concordância no verbo; *o sujeito não realizado* apresenta peso relativo 0.65. *O sujeito com material interveniente* antes do verbo fica com peso relativo 0.41, enquanto *o sujeito posposto* tende a não marcação de concordância com peso relativo 0.24. Os resultados mostraram, nessa variável, que os fatores *sujeito anteposto ao verbo* e *sujeito não realizado* apresentam resultados significativos para análise do fenômeno em estudo.

A variável *faixa etária* apresenta marcação da regra muito próximos, para os velhos e para os jovens, no entanto, percebemos essa diferença nos pesos relativos que revelam que os falantes mais velhos apresentam tendência a marcação de plural com peso relativo 0.58, enquanto os mais jovens apresentam peso relativo 0.42. Na variável *sexo*, os homens apresentaram peso relativo 0.46, aproximando dos resultados das mulheres com peso relativo 0.54. No entanto, o sexo feminino está mais próximo da variedade padrão.

Lemle e Naro (1977), concluíram que a marcação de regra de concordância verbal de P6 é mais eficaz no sexo feminino e na faixa etária dos mais velhos. Assim, para os autores fatores linguísticos e extralinguísticos são relevantes para análise da concordância verbal de terceira pessoa do plural.

Outro estudo relevante para análise dos nossos resultados é o de Silva (2003), que analisou três comunidades rurais do Estado da Bahia: *Cinzento, Helvécia e Rio das Contas*. O objetivo do estudo foi analisar a concordância verbal de terceira pessoa do plural, buscando observar o índice de aplicação da regra. Foram analisadas 12 entrevistas em cada comunidade, das quais, 6 eram de homens e 6, de mulheres, perfazendo um total de 36 entrevistados. Quanto aos resultados, a comunidade de



Cinzeno foi a que apresentou o menor percentual de concordância (13%), seguida de Helvécia, 16%; o maior foi o de Rio da Contas, 24% de marcação da regra.

No estudo de Silva (2003), a variável *saliência fônica* foi considerada relevante pelo Programa *Goldvarb X*. Nesta variável, o autor apontou nove níveis de *saliência fônica*, os quais foram amalgamados em três de acordo com o grau de *saliência* apresentada entre as formas verbais do singular e do plural:

- (a) Níveis 1 e 2: flexão com nível baixo de *saliência*: *bate/ batem; fala/falam*, com percentual e peso relativo, respectivamente, 6% e 0.27;
- (b) Níveis 3, 4 e 5: flexão com nível intermediário de *saliência*: *faz/fazem; tá/tão; bateu/bateram; quer/ querem; vai/vão; foi/foram*, com percentual e peso relativo 23% e 0.69;
- (c) Nível 6, 7 e 8: flexão com nível alto de *saliência* *quis/quiseram; fez/fizeram; é/são; veio/ vieram*, com percentual e peso relativo 31% e 0.78.

Ao amalgamar os fatores, as formas menos salientes demonstraram menor probabilidade de marcação de concordância de P6; já o nível em que as formas verbais são mais salientes tendem para a marcação da concordância verbal de P6.

Outra variável considerada nos estudos de Silva (2003) foi *realização e posição do sujeito*, na qual o pesquisador apontou quatro fatores: *sujeito anteposto, sujeito posposto, sujeito não realizado e sujeito retomado por um pronome relativo*. O fator *sujeito não-realizado* houve a pluralização das formas verbais com percentual de 27%. Na sequência encontra-se o *sujeito posposto ao verbo*, com frequência de 11%, para o autor esse fator não favorece a marcação de plural nos verbos. Em contrapartida, o *sujeito anteposto ao verbo* apresenta em 1134 ocorrências, 158 levaram o verbo ao plural, correspondendo a 14%. O mais baixo resultado de marcação do fenômeno de CV de P6 nos estudos de Silva (2003) fica com o *sujeito retomado pelo pronome relativo*, com percentual de 9%.

Em relação à variável *concordância nominal no SN sujeito*, Silva (2003) analisou se as marcas de plural ocorrem em sua totalidade no momento que são adquiridas, ou se o processo ocorre de forma parcial. O autor observou a ocorrência de concordância nominal no sujeito, a relação de concordância entre o sujeito e seus



determinantes, e a não concordância nominal no sujeito. Desse modo, o fator *concordância nominal no SN sujeito* apresentou um percentual de 24% e peso relativo 0.74. Isso significa que este fator favorece a concordância de CV de P6, enquanto, o fator *sem concordância nominal no SN sujeito* tende à não marcação, com percentual de 9% e peso relativo 0.48.

Em relação às variáveis extralinguísticas, a *faixa etária* se mostrou relevante nas três comunidades nos estudos de Silva (2003). Na faixa etária I (20 a 40 anos), que representa os jovens, há uma tendência à marcação da regra de concordância verbal com percentual de 22% e peso relativo 0.62. Os adultos, faixa II (41 a 60 anos), aparecem com resultados intermediários de 14% de frequência e 0.48 de peso relativo de não marcação de CV de P6. Os velhos, por sua vez, apresentam 10% e peso relativo 0.36 de probabilidade de marcação da desinência número-pessoal. A análise da variável extralinguística *sexo* mostra que os homens marcam a regra de concordância com 19% e peso relativo 0.56, enquanto as mulheres com um percentual de 13% e peso relativo 0.45.

Os resultados de Lemle e Naro (1977); Naro (1981) e Silva (2003) serão fundamentais para a análise de nossos dados, pois fornecerão suporte teórico para compreender a presença ou ausência da CV de P6 na fala dos informantes da comunidade em estudo.

4 Sócio-história da comunidade quilombola Rio das Rãs no Território Velho Chico

A comunidade Rio das Rãs se localiza no oeste do Estado da Bahia, a 70 Km da sede do município de Bom Jesus da Lapa – BA. O território foi ocupado por escravos remanescentes de quilombos e índios aculturados a partir do século XVI. A origem do nome dessa comunidade faz referência ao Rio das Rãs, que é um importante afluente da margem direita do Rio São Francisco.

Nesse território, há aproximadamente 691 famílias espalhadas em cinco povoados (Rio das Rãs, Retiro, Brasileira, Capão do Cedro e Exú), em uma área de



30.190,71 hectares. Após viver um período de violentos conflitos pela posse de suas terras (iniciado em 1974), a comunidade Rio das Rãs foi oficialmente reconhecida como “comunidade remanescente de quilombo”, em 1993, pela Fundação Palmares.

Para o reconhecimento do território Rio das Rãs como quilombo, em 1993, José de Carvalho, professor da Universidade de Brasília, coordenou a elaboração do *Laudo Antropológico*³ como um dos instrumentos legais para ser anexado ao processo de desapropriação como área pertencente ao antigo quilombo, solicitado pela Fundação Cultural Palmares, instituição ligada ao Ministério da Cultura (DUTRA, 2007, p. 14). O Laudo revela que os moradores que residem no quilombo se encaixam na condição de remanescentes de quilombos, isto é, apresentam aspectos históricos, antropológicos e territoriais que os caracterizam como tais. Dutra (2007, p. 37) afirma que “[...] o Laudo Antropológico aponta para a forte presença de moradores negros nas comunidades pertencentes ao território do Rio das Rãs”.

Segundo as narrativas de vida dos moradores, a ocupação do quilombo Rio das Rãs se deu por volta dos séculos XVI e XVII, quando um grupo de escravos teria sido levado para trabalhar no sul cafeeiro, através do Rio São Francisco; possivelmente, durante a viagem, eles aproveitavam e fugiam. Segundo Silva (1998, p. 20), “[...] essa rota era, comprovadamente, um dos caminhos do tráfico interno após as restrições inglesas ao tráfico de africanos para o Brasil, a partir de 1831”.

De acordo com os moradores, o território Rio das Rãs era um esconderijo de negros que escapavam das fazendas, devido aos maus-tratos que sofriam por parte dos fazendeiros. Eles ainda relatam que nesse quilombo também viviam os índios que fugiam do trabalho escravo das fazendas. Conforme Souza e Almeida:

No Mocambo, era grande o número de negros e índios, era muita gente, muito negro, quando ele já estava reunido trabalhando. Trabalhando assim, de roça, de [...] a presença de muitos caboclos mistura de índios com brancos, que vieram da margem

³ Para o reconhecer as áreas de terras das primeiras comunidades negras que lutavam na justiça era necessária a elaboração de um Laudo Antropológico para dar legitimidade ao processo judicial (DUTRA, 2007).



direita do Rio São Francisco [...] Na margem esquerda, a perseguição dos propostos de Manuel Nunes Viana e Athánasio de Siqueira Brandão foi muito dura e cruel contra os índios (SOUZA e ALMEIDA, 1994, p. 7).

Assim, observamos na narrativa de vida dos moradores que os índios eram explorados pelos fazendeiros na criação de gado, trabalhando como vaqueiros e boiadeiros, e que viveram no quilombo por volta dos séculos XVI e XVII. No sertão do São Francisco, muitas tribos foram eliminadas pelos bandeirantes devido à sua resistência à exploração e outros fugiram para o norte do país.

A partir da segunda metade do XIX, os fazendeiros tomaram posse da metade do quilombo; assim começaram os primeiros contatos dos negros com os brancos (marotos)⁴ na luta pela posse de terras. Nesse contexto, a comunidade Rio das Rãs tem sua história linguística profundamente relacionada ao início da formação do quilombo, ou seja, é uma localidade formada por descendentes de escravos africanos que nessa região teriam se refugiado. Logo, devido a esse contato linguístico entre negros, índios e brancos se formou a variedade linguística dos quilombolas.

A comunidade Rio das Rãs conserva traços de africanidade em suas manifestações culturais e linguísticas. Algumas expressões das línguas africanas são usadas durante as celebrações do candomblé no território do quilombo. Essas expressões são códigos secretos usados como forma de preservar a cultura africana no quilombo. Para Lucchesi (2003, p. 151), existem “[...] alguns códigos restritos que, como línguas secretas, contribuem para preservar algo da identidade cultural africana de algumas poucas comunidades rurais isoladas de afrodescendentes”.

Percebemos que muitos costumes e tradições existentes hoje no quilombo Rio das Rãs são provenientes de experiências vividas pelos antepassados da comunidade. Assim, no que tange à religião, os moradores do quilombo buscam manter sua cultura e seus costumes; há uma mistura de africanismo e catolicismo que caracteriza a sua fé, celebrada com samba de roda, capoeira, danças e festas dos santos da igreja.

⁴ Nome dado aos brancos pelos negros (SOUZA 1994, p. 55)



Em relação à educação, diversas mudanças aconteceram no quilombo, após a desapropriação do território e o reconhecimento dos direitos dos quilombolas, principalmente, a instituição de cursos de Formação de Professores de Comunidades Remanescentes de Quilombo para trabalhar com a cultura local, bem como a construção de escola quilombola, implantação do Programa Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec)⁵, entre outros. Vale ressaltar que esses professores são descendentes da própria comunidade que se formaram, especializaram em outras cidades e retornaram para trabalhar no quilombo.

Tendo em vista que os moradores desta comunidade foram sempre expostos a muitas lutas e perseguições por parte dos fazendeiros que almejavam tomar suas terras, o que levou muitos quilombolas a fugirem para as matas para sobreviver, ainda hoje, os remanescentes do quilombo Rio das Rãs continuam na luta por seus direitos em relação a saúde, educação, segurança, entre outras necessidades básicas.

5 Metodologia

Para a realização deste trabalho, foram utilizados os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, fundamentada pelo linguista William Labov (1972-2008), utilizando-se um *corpus* composto por entrevistas de 24 (vinte e quatro) informantes residentes na comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs, localizada no município de Bom Jesus da Lapa - Bahia.

Consideramos os perfis sociais, como: (i) sexo (12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino); (ii) Faixa etária (08 jovens –25 a 35 anos; 08 adultos – 45 a 55 anos; 08 idosos – com mais de 65 anos); (iii) Grau de escolaridade (12 sem escolarização: 0 a 02 anos de estudos e 12 semiescolarizados: 03 a 05 anos de estudos; (iv) Exposição à mídia, e (v) Redes de relações sociais.

⁵ Os avanços tecnológicos no quilombo contribuíram de forma significativa no modo de vida da população, uma vez que, a comunidade vivia um relativo isolamento até o final do século XX.



Após uma prévia aproximação de vivência dos entrevistadores com os moradores da comunidade, as entrevistas foram realizadas com o auxílio de um gravador de voz modelo Sony PX-240. Para a realização das entrevistas, foi preenchida uma ficha pelos entrevistadores com as seguintes informações dos entrevistados: nome completo, local de residência, profissão, grau de escolaridade, viagens, idade, filhos, religião, naturalidade, sexo, estado civil, tempo fora da comunidade, exposição à mídia e uso de internet. Além disso, os informantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para poderem participar das entrevistas, conforme protocolo expedido pelo CEP/CONEP Nº 73233317.8.0000.0055.

Definido o perfil dos informantes e estabelecidos os primeiros contatos, as entrevistas (do tipo entrevistador/informante) foram colhidas no ambiente da comunidade (casas dos moradores e locais de trabalho), versando sobre “narrativas de vida” (família, sonho, associação, trabalho, religião, infância, estudo, festas locais, doenças, costumes, conflitos de terra etc). No processo de levantamento dos dados, começamos com a audição do material coletado, procedendo, em seguida, à transcrição das entrevistas em áudio, através do Programa *Transcriber 2.0*. Com os dados em mãos, selecionamos as ocorrências de construções envolvendo a concordância verbal de P6 encontradas na fala dos informantes e as codificamos de acordo a Proposta da Chave de Transcrição⁶ do projeto Vertentes do Português (LUCCHESI, 2001), para o tratamento estatístico. Em sequência, esses dados foram submetidos ao Programa Estatístico *Goldvarb X*, cujo objetivo foi analisar em que medida os fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam a concordância verbal de terceira pessoa do plural ou P6 na fala vernácula da comunidade quilombola Rio das Rãs – BA.

5 Análise e discussão dos dados

⁶ A chave de transcrição do Projeto Vertentes pode ser acessada através do seguinte link: http://www.vertentes.ufba.br/images/paginas/projeto/chave_de_transcricao.pdf.



Apresentamos através da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972-2008), os resultados obtidos para a análise do fenômeno da concordância verbal de P6 no vernáculo da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs – BA. Desse modo, o Programa *Goldvarb X* elege-se previamente três grupos de fatores linguísticos: *fônica, e posição do sujeito e concordância nominal no sujeito* e dois grupos de fatores extralinguísticos: *faixa etária e sexo*, todos relacionados à concordância verbal da terceira pessoa.

Sendo assim, o objetivo deste estudo é observar se está havendo nessa comunidade uma mudança quanto à marcação da concordância verbal de P6 na fala vernácula da comunidade quilombola de Rio das Rãs.

5.1 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas são vistas como fatores internos ao sistema que, em contextos linguísticos específicos, podem favorecer ou não a marcação de uma ou mais variantes. Na sequência, apresentamos os resultados específicos de cada variável linguística controlada.

5.1.2 Realização e posição do sujeito

A influência da posição do sujeito em relação ao verbo, anteposto ou posposto a ele, pode favorecer a ausência ou presença da marcação de concordância verbal de P6. Desse modo, apresentamos na tabela 1 os resultados relativos a essa variável:

Tabela 1 - Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável realização e posição do sujeito

Realização e posição do sujeito	Ocorrência	P percentual	PR
sujeito anteposto por uma relativa	91/550	14,5%	0.47
sujeito com interveniente	21/171	11%	0.45
S sujeito posposto	2/21	8,7%	0.33
sujeito anteposto	24/117	17%	0.68
sujeito não realizado	7/9	43,8%	0.90

Fonte: Elaboração própria

Olhando para os dados, constatamos a não marcação de concordância verbal de P6 quando o sujeito vem posposto ao verbo (**Chegou os fi deles**), com peso relativo 0.33. Sendo assim, os resultados apresentados na tabela 4 revelam que o *sujeito não realizado* (Eles **casaram** e \emptyset **foram** para São Paulo) e o *sujeito anteposto* (Eles **vão** vestir aquelas ... aquelas ropona) são os fatores que tendem à marcação da concordância verbal, com pesos relativos 0.90 e 0.68, respectivamente. Em relação ao *sujeito não realizado*, a [...] ausência de um sujeito lexicalmente realizado, o verbo precisa identificar a pessoa e o número na oração, logo vindo com a marca morfológica da P6”. Já no segundo caso, *sujeito anteposto*, as autoras asseveram que “há a marcação de concordância verbal de P6 devido à proximidade entre o núcleo do sintagma nominal e o verbo”. O *sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes* (As *mulheres* não **tinham** ... não tinha vazia) apresenta baixo peso relativo para a CV de P6, 0.45, o que é esperado devido à existência de elementos entre o sujeito e o verbo. O *sujeito anteposto com uma relativa* (Essas pessoas que **procurara**, sou uma pessoa conhecida né) também não favorece a marcação de concordância de P6, com peso relativo de 0.47. Assim, os resultados apontam para a hipótese de que há maior tendência de marcação da concordância verbal de P6 em contextos em que o sujeito esteja anteposto ao verbo.

Os trabalhos realizados por Silva (2003, p. 165) nas comunidades afro-

brasileiras do interior da Bahia: Cinzento, Hέλvecia e Rio de Conta, nessa variável, os fatores *sujeito posposto e sujeito* não realizado tendem para a marcação de concordância verbal de P6, com pesos relativos 0.51 e 0.61, respectivamente. Os fatores *sujeito anteposto e sujeito anteposto por uma relativa* não demonstram uma tendência a marcação de CV de P6 em seus dados, com pesos relativos 0.35 e 0.49, respectivamente. Assim há uma discrepância entre os nossos resultados e o de Silva (2003) no concernente a essa variável, principalmente, no que diz respeito a esse primeiro fator (*sujeito anteposto por uma relativa*).

5.1.3 A concordância nominal no sujeito

A variável concordância nominal no sujeito foi constituída de dois fatores (SN com concordância e SN sem concordância). Nessa variável, podemos verificar que há maior possibilidade de o falante realizar a concordância verbal no SN, caso os elementos do sujeito venham com marcas de plural (SN com concordância); ao contrário, se o SN que forma o sujeito não apresenta marcas de concordância, o verbo tende a permanecer com marca zero (SN sem concordância). Os resultados obtidos seguem na tabela 2.

Tabela 2 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável Concordância nominal no SN sujeito

	Concordância no SN	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
S	SN sujeito com concordância	29/318	18%	0.57
	SN sujeito sem concordância	18/550	9%	0.37

Fonte: Elaboração própria

Os resultados apresentados nessa tabela mostram a diferença que há entre os pesos relativos dos dois fatores. O fator representado pelo SN sujeito com concordância (*Os meus filhos estão* em São Paulo), tende à marcação da concordância verbal com



peso relativo 0.57; ao contrário do SN sujeito sem concordância (*As menina estuda aqui*) que apresenta relativo 0.37.

Os resultados obtidos por Silva para esse grupo de fatores se coadunam com os nossos, já que o SN sujeito com concordância leva à marcação morfológica de plural no verbo, com peso relativo 0.74, enquanto o SN sujeito sem concordância apresenta peso relativo 0.42 para ocorrência dessa regra. Para o autor, isso significa que ao adquirir os padrões linguísticos da norma padrão, o falante tende a fazer aquisição com maior frequência das marcas explícitas de número no sintagma nominal e no sintagma verbal concomitantemente. Nessa comparação, percebemos que, nas comunidades quilombolas, há uma tendência à concordância no SN sujeito.

Assim, os resultados como os apresentados no presente trabalho podem fundamentar, afinal, da existência de um continuum afro-brasileiro nas variedades do português (PETTER, 2009;2015)

5.2 Variáveis extralinguísticas

Os grupos de fatores extralinguísticos têm demonstrado uma relevância nos estudos de natureza sociolinguística, pois são eles que caracterizam o falante e a língua em uso que está sendo estudada.

Ao analisar a influência de cada grupo de fatores extralinguísticos na marcação da concordância verbal de P6 na fala vernácula da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs, verifica-se que duas se mostraram estatisticamente relevantes pelo Programa *Goldvarb X: Faixa etária* e *Sexo*. Desse modo, estas variáveis vêm ganhando visibilidade nos estudos linguísticos por serem consideradas elementos que condicionam a variação e a mudança linguística.

5.2.1 Faixa etária

A variável *faixa etária* é considerada de grande relevância nas pesquisas sociolinguísticas, não só para reconhecer as mudanças como também para explicar.

Notamos que, apesar de os dados aqui analisados não favorecerem a aplicação da regra de concordância verbal de P6 no desempenho linguístico desses informantes, a variável extralinguística *faixa etária* revela que os falantes mais jovens tendem a realizar a variante padrão em relação aos mais velhos, como pode ser observado na tabela 3 a seguir:

Tabela 3 - Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a faixa etária

Faixa etária	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Faixa I (25 a 35 anos)	70/378	18.5%	0.57
Faixa II (45 a 55 anos)	46/293	15.7%	0.53
Faixa III (Mais de 65 anos)	27/322	8.4%	0.38

Fonte: Elaboração própria

Observando os resultados na tabela 5, notamos que a tendência à realização de concordância de P6 aparece mais na realização dos jovens, com peso relativo 0.57; os adultos aparecem como intermediários com 0.53 de aplicação de CV de P6. Na fala dos mais velhos, por outro lado, constatamos uma queda nas ocorrências de concordância, com peso relativo 0.38. Os dados deste estudo revelam que os falantes mais jovens tendem a realizar a concordância verbal de P6, ao contrário dos mais velhos que tendem à não realização morfológica de concordância de P6.

Os resultados obtidos para os grupos mais jovens (em oposição aos mais velhos)



ocorrem em função de seu convívio com outros grupos fora da comunidade, assim como devido à sua participação em associações, campeonatos de futebol disputados em cidades vizinhas, bem como por exercerem a função de agentes de saúde na comunidade, acabam tendo contato com outros agentes da sede do município, e dessa forma, trazem marcas da variedade padrão para sua fala. Os mais velhos, por sua vez, em sua maioria, são aposentados, trabalham na roça e, devido a sua idade, saem poucas vezes da comunidade. Devido a esses aspectos, tendem a apresentar ausência de marca de concordância verbal de P6. Os resultados parecem estar apontando para uma mudança em curso em direção à realização de marcas de concordância verbal em P6, já que as gerações mais jovens apresentam um peso relativo favorável desta. O esperado é que as próximas gerações sigam nesta direção, realizando cada vez mais esta marca.

Comparando nossos resultados aos de Silva (2003), verificamos que estes se assemelham aos nossos, pois os jovens por ele estudado, com pesos relativos 0.62, tendem a realizar mais a variante padrão do que os informantes das faixas etárias II e III, com pesos relativos 0.36 e 0.48, respectivamente. Silva (2003, p. 174) explica que “a faixa etária I demonstra uma situação linguística em que atua a influência de uma gramática mais próxima da língua alvo do que aquela falada pelos mais velhos”. Para Silva (2003, p. 174), “[...] os mais velhos tendem a reproduzir a língua que aprenderam com a geração anterior [...]”

5.2.2 Sexo

Diversos estudos sociolinguísticos já verificaram a influência do fator *sexo* na escolha das formas linguísticas utilizadas por membros de uma comunidade de fala. Esses estudos têm constatado que as mulheres usam com mais frequência a variável padrão do que os homens, isso ocorre, devido o papel social que elas ocupam. Elas evoluíram em vários aspectos (mercado de trabalho, participação política, escolaridade e, principalmente, atividades sociais), e isso pode ter contribuído nas mudanças linguísticas de uma determinada comunidade de fala, evitando assim usar formas estigmatizadas, conforme a tabela abaixo:

Tabela 4 - Presença da marca de plural, segundo o grupo de fatores sexo

Sexo	Ocorrências	F frequência	Peso Relativo
Masculino	33/432	7.6	0.35
Feminino	110/561	19.6%	0.61

Fonte: Elaboração própria

Olhando para os dados apresentados na tabela 4, verificamos que os maiores índices de marcação da marca de concordância verbal de P6 ocorrem na fala das mulheres, com peso relativo 0.61, do que na dos homens, com peso relativo 0.35. Esses resultados podem estar correlacionados à participação ativa das mulheres em atividades sociais, tais como cultos evangélicos, sindicatos e programas voltados à saúde da mulher no posto de saúde, com profissionais dessa área; já os homens trabalham na roça e fazem viagens curtas, ou seja viajam para cidades vizinhas como Bom Jesus da Lapa e Serra do Ramalho para fazerem compras, e para a cidade de São Paulo, para trabalharem como pedreiros ou na colheita de cana-de-açúcar (permanecendo lá por três meses), o que poderia caracterizar a ampliação de suas redes sociais, no trabalho nas construções, além de, muitas vezes, não disporem de tempo para estabelecerem uma interação com seus colegas, ainda que esta aconteça, não estão tendo contato com sujeitos que detenham o padrão (como acontece no caso das mulheres). Assim, o sexo feminino tende ao uso da variante padrão, ao favorecer a marcação da regra de concordância verbal de P6.

Os resultados obtidos por Silva (2003, p. 174), na análise das comunidades de Cinzento, Hέλvecia e Rio de Contas - BA, apontam que as mulheres tendem à não concordância verbal de P6, com peso relativo 0.43, ao contrário dos homens, que apresentam uma tendência à marcação de P6, com peso relativo 0.57. Para o autor, os homens dessas comunidades mantêm cada vez mais contato com membros de outros



grupos, trazendo, assim, marcas linguísticas para a comunidade, modificando a sua forma de falar.

Nos grupos de fatores extralinguísticos verificamos que os resultados da pesquisa mostram que no português afro de de Rio das Rãs, observamos a atuação dessa variável na marcação de concordância verbal de P6, na fala das mulheres e os jovens. Podemos relacionar esses resultados a sócio-história da comunidade.

Assim, podemos referir, neste trabalho, a existência de um continuum afro-brasileiro nas variedades do português (BRANDÃO, 2018; PETTER, 2009; 2015).

Considerações finais

Os resultados desse estudo demonstram a relevância de se estudar o fenômeno linguístico da concordância verbal na terceira pessoa do plural ou P6 em uma comunidade de fala, sobretudo em uma comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs – BA. Trata-se de uma comunidade em relativo isolamento até os meados do século XX que resguarda propriedades de um português mais antigo, podendo apontar uma variação linguística quanto à marcação da regra de concordância em P6 no português afro-brasileiro dessa comunidade.

Podemos afirmar que o baixo índice de não marcação de plural do verbo (14,4%) constitui uma das principais evidências da diferença entre o português urbano e o português em comunidades afro-brasileiras, atestando, assim, para a evidência do contato linguístico durante a formação do quilombo entre índios, negros e português, principalmente na fala dos mais velhos.

A variável *realização e posição do sujeito* apresenta resultados relevantes para a aplicação de concordância verbal de P6, sobretudo nos fatores *sujeito anteposto*, com peso relativo 0.68, e *sujeito não realizado*, com peso relativo 0.90. Por outro lado, o *sujeito posposto*, com peso relativo 0.33, *sujeito com interveniente*, com peso relativo 0.45, e *sujeito anteposto com uma relativa*, com peso relativo 0.47, não favorecem a concordância de P6.



A *concordância nominal no SN sujeito*, representada por dois fatores: *SN com concordância* e *SN sem concordância*. O fator representado pelo *SN sujeito com concordância* tende à marcação da concordância verbal, com peso relativo 0.57; ao contrário do *SN sujeito sem concordância*, que apresenta peso relativo 0.37. Pode-se correlacionar esse resultado quando há marcas de plural no SN nominal que constitui o sujeito, assim há probabilidade de marcação de concordância entre o sujeito e o verbo, o que confirma, assim, o que afirma Scherre (1988, p. 182): “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”.

Quanto à variável *faixa etária*, constatamos na fala dos mais jovens, de 25 a 35 anos, uma tendência ao uso da forma padrão no que diz respeito à marcação da concordância verbal de P6, com peso relativo 0.57. Esse resultado está correlacionado à mobilidade desses falantes mais jovens, ou seja, ao contato que fazem durante as viagens para cidades vizinhas e grandes centros urbanos. A faixa etária II (45 a 55 anos), constituída por adultos, também demonstra essa tendência à marcação de concordância verbal, com peso relativo 0.53, enquanto a faixa etária III (mais de 65 anos) desfavorece o uso da concordância verbal de P6, com peso relativo 0.38. Isso acontece devido os mais velhos saírem poucas vezes da comunidade, assim, conservam marcas linguísticas do falar local.

No que tange à variável *sexo*, observamos que esta está ligada ao grupo rede de relações sociais, o que leva as mulheres a fazerem maior uso da forma padrão, com peso relativo 0.61. Este resultado é decorrente do fato de que elas participam de cultos, missas, fazem parte de sindicatos e dos encontros que o *Programa Saúde da Mulher*. Os homens, por sua vez, trabalham na roça ou em fazendas (com a agricultura) e têm pouca participação nas associações de moradores e grupos religiosos, com peso relativo 0.35, mostram-se mais conservadores favorecendo a não marcação de CV na comunidade.

Através da análise dos dados, mostramos que os resultados apresentados neste estudo demonstram uma tendência à não marcação do uso das regras de concordância verbal junto à terceira pessoa do plural na comunidade remanescente de quilombo, localizada no município de Bom Jesus da Lapa – Bahia.



Esperamos que a análise deste *corpus*, possa contribuir para estudos futuros sobre o fenômeno de variação na concordância verbal de P6 no português brasileiro.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, A. P. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ARAUJO, S. S. de F. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana - BA:** sociolinguística e sócio-história do português brasileiro. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2014.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org.). *Dois variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas.* São Paulo: Blucher, 2018.

CARVALHO, J. J. de (org.). **O Quilombo do Rio das Rãs:** Histórias, tradições, lutas. Salvador: EDUFBA, 1996.

DUTRA, N. O. **Liberdade é reconhecer que estamos no que é nosso:** comunidades negras do Rio das Rãs e da Brasileira-BA (1982-2004). 2007. 178f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change.** Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Padrões Sociolinguísticos.** Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, [1972] 2008.

LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências básicas do português.** Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras MOBREAL e Fundação FORD. Rio de Janeiro, 1977.

LUCCHESI, Dante. **As duas grandes vertentes da história sociolinguística brasileira.** D.E.L.T.A., São Paulo, 2001.

_____. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org.). **Português brasileiro:** contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: Letras, 2003.

_____. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN,** Belo Horizonte, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, 2006.

_____. História do contato entre línguas no Brasil. In.: BAXTER, Alan; _____; RIBEIRO, Ilza (org.). **O português afro-brasileiro.** Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

MANNHEIM, K. **O problema sociológico das gerações,** In: FORACCHI, M. A. (Org.). Mannheim, col. Grandes cientistas sociais, São Paulo: Ática, 1982.



NARO, A. J. **The social and structural dimensions of a syntactic change.** Language. LSA, 57, n.1, p. 63-98, 1981.

_____. Idade. In: MOLLICA, C. (Org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista.** 3.ed. Rio de Janeiro: FL/UFRJ, p. 17-25, 1996.

_____. História do contato entre línguas no Brasil. In.: BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português afro-brasileiro.** Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

PETTER, Margarida M. T. Ampliando o continuum afro-brasileiro de Português. Papia, v. 25, n. 2, p. 305-317, 2015.

SCHERRE, M. M. P. **Paralelismo linguístico.** Estudos de linguagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 7(2): 29-59 jul/dez de 1998.

_____.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; Braga, Maria Luiza (Org.) **Introdução à sociolingüística** – o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, J. A. A. da. **A concordância verbal no português afro-brasileiro:** um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do estado da Bahia. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Bahia. Salvador, 2003.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido Para Publicação em 31 de março de 2020.

Aprovado Para Publicação em 28 de maio de 2020.